



O outro lado do aprender: representações sociais da escrita no semi-árido norte-rio-grandense.

Autora: Maria do Rosário de Fátima de Carvalho.

Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana;

Natal: UFRN, EDUFRN, 2001. 172 p. (Estudos e Pesquisas, 115).

MOISÉS DOMINGOS SOBRINHO¹

152

Pode-se perfeitamente começar a apresentação desta obra destacando que a sua publicação é fruto de uma premiação acadêmica. Inicialmente escrita sob o formato de tese de doutorado, a mesma foi premiada, em 1998, pelo concurso Nelson Chaves de teses sobre o Norte e Nordeste brasileiros que é organizado pela Fundação Joaquim Nabuco. Trata-se de excelente estudo a respeito do sentido que constroem os homens e mulheres do semi-árido norte-riograndense sobre a língua escrita. Sentido que a autora procura apreender com a auxílio da teoria das representações sociais, elaborada pelo psicólogo social francês Serge Moscovici desde os anos sessenta, mas que só ganhou ampla expansão no mundo ocidental, a partir da década de setenta. Com sua teoria, Moscovici propõe um redimensionamento do estatuto epistemológico do senso comum ao demonstrar, através dos seus trabalhos, que uma representação social envolve tanto a dimensão simbólica quanto prática e desempenha a função precípua de orientar a comunicação e a conduta dos agentes num determinado tempo e espaço sociais. Uma representação social, como define Carvalho, é a particularização, num objeto, de um processo mais amplo de atribuição de sentidos, o qual leva as marcas da "história" e da "estória" de cada indivíduo. Foi com base nestes pressupostos que a autora procurou apreender os sentidos atribuídos à escrita, por homens e mulheres que foram expulsos do campo em direção às cidades e que estabeleceram contatos com uma escolaridade dicotômica, episódica e assistemática. Dicotômica porque os conteúdos estão sempre desvinculados de sua realidade; episódica porque vivida de forma intermitente com professores e alunos itinerantes; assistemática porque oriunda da iniciativa de pais, donos de sítios, grupos de adultos.

Enfocando a língua escrita como objeto e processo de representação, Carvalho dialoga também com outros autores que não vêem a relação sujeito/objeto do conhecimento de forma dicotomizada e descontextualizada, como,



por exemplo, Vigotsky, Piaget, Ferreiro, Teberosky, entre outros. A ligação entre a palavra e o sentido não é, portanto, vista aqui como um simples elo associativo. Não é o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e concretizada em palavras. O uso da escrita, por conseguinte, não se dá no abstrato. São os contextos que criam as condições para que os indivíduos tenham necessidade de escrever ou não. A escrita, como objeto cultural e social, estrutura-se, pois, dinamicamente, nas relações sociais. Por esta razão e de forma enfática, a autora ressalta que não é o conhecimento de todas as letras do alfabeto, nem a sua articulação mecânica, que assegura para alguém a importância da escrita, nem tampouco isto representa um indicador de que se está em condições de escrever qualquer texto.

Seguindo nesta direção e partindo da observação do cotidiano dos sujeitos e da explicitação das relações que os mesmos estabelecem com a realidade concreta, a autora constata que o trabalho não é para eles apenas um meio de sobrevivência, mas uma categoria fundante de sua identidade e por meio da qual eles se definem como “analfabetos, mas trabalhadores”. Assim, pode-se inferir que as suas representações e condutas em relação à escrita articulam-se em torno do núcleo “trabalho-trabalhador” e é, a partir deste, que se articulam também, numa integração dinâmica, os demais sentidos atribuídos à escola, ao saber e a outros objetos representacionais que se lhes associam. Aqui está um profícuo exemplo do que Moscovici considera como o redimensionamento do estatuto epistemológico do senso comum. Enquanto agentes ativos no processo de elaboração de sentidos para os objetos do mundo social, os sujeitos projetam nas suas representações a diversidade do concreto onde estão inseridos e as particularidades de seus esquemas de percepção, pensamento e ação. É somente no quadro amplo destas articulações que se pode dar visibilidade à riqueza e à força das representações sociais que se encontram na base da construção de comunicações e condutas.

Há que se chamar também a atenção para os aspectos metodológicos da pesquisa que deu origem à obra. A autora procurou seguir, criativamente, um dos princípios por vezes caro à teoria das representações sociais, quando confrontada com posturas positivistas tradicionais ou cartesianismos exacerbados: a negação do fetichismo do método. A complexidade do fenômeno apreendido pelo conceito ‘representação social’ exige, quase sempre, uma abordagem plurimetodológica que implica tanto em desenvolver níveis e



154 dimensões diversas de construção do objeto, quanto em apreender aspectos comumente separados pela falsa oposição quantitativo x qualitativo. O plano da pesquisa envolveu, por conseguinte, estratégias como a) observação livre; b) entrevistas conversacionais. Estratégia que, para o estudo das representações, é bastante útil por possibilitar atingir os níveis mais espontâneos das produções discursivas. Por esta razão, utiliza-se, sempre, o auxílio de frases geradoras ou outros estímulos que preservem o máximo de espontaneidade dos sujeitos; c) procedimentos de classificação múltiplas a partir da apresentação de cartelas com desenhos; d) procedimentos padronizados para a avaliação da inteligência e da memória, necessários quando se trata de detectar discrepâncias que possam interferir nos desempenhos em leituras e escrita; e) procedimentos experimentais para a avaliação da leitura e da escrita. Tem-se, assim, uma combinação complexa de estratégias metodológicas que são oriundas das ciências sociais, da Psicologia Social e da Psicologia Cognitiva. Pouco importa a acentuação particular que lhe dá o pesquisador (a). Como defende Serge Moscovici, uma teoria, para que possa perdurar, é necessário ser suficientemente elástica e complexa. Sem estas qualidades, não consegue dar conta da diversidade dos problemas que lhes são postos, nem, tampouco, ser útil à descrição e explicação de fenômenos emergentes.

O outro lado do aprender é, por tudo isto, além da beleza do seu estilo, uma obra que se apresenta enquanto um bom exemplo de como a teoria das representações sociais é profundamente instigante, tanto por sugerir o rompimento com as formas mais tradicionais de encarar e fazer Ciência, quanto por permitir a construção de modelos explicativos partindo-se de diferentes tradições teóricas e metodológicas. Não estamos, apesar disto, diante de uma novidade, nem de um novo modismo, posto que esta proposta de apreensão dos sentidos do mundo social caminha, a pleno vapor, para completar meio século de divulgação. Aos que dela, nas particularidades do contexto brasileiro, buscam explorar todo o seu poder heurístico, resta seguir o exemplo de criatividade, rigor e paixão dado por Carvalho na sua busca de construção de verdades que, como bem o demonstra a história da Ciência, tendem a ser sempre provisórias.

NOTA

¹ Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN e membro do Grupo Nordeste de Pesquisa e Estudos Interdisciplinares em Representações Sociais, Saúde e Áreas Afins.